

MAGGIE BROOKES

Inspirado numa incrível
HISTÓRIA VERÍDICA



O Segredo dos Prisioneiros

Um segredo pode
conduzi-los à morte.

Mas também pode
ser a sua salvação.

TOP
SEL
LER

«Uma história de amor e sobrevivência baseada no relato de um prisioneiro de guerra britânico capturado pelos nazis.»

Publishers Weekly

Nota Histórica

Esta história impressionante foi contada por Lance Corporal Sidney Reed, prisioneiro dos nazis durante a Segunda Guerra Mundial em Lamsdorf, Stalag¹ VIIIB/344, na Polónia, e no campo de trabalhos forçados E166, na pedreira de Saubsdorf, na Checoslováquia. Durante a guerra, a Polónia e a Checoslováquia encontravam-se sob o controlo do Terceiro Reich de Hitler.

Em 1944, quando esta história começa, os nazis haviam estabelecido enormes campos de prisioneiros de guerra nos limites orientais da Checoslováquia e da Polónia, de modo a manter os aliados capturados o mais longe possível de casa. Estima-se que tenham detido cerca de 200 mil prisioneiros britânicos. Os oficiais eram mantidos em campos de prisioneiros de guerra, mas a Convenção de Genebra de 1929 permitia que os postos mais baixos fossem colocados em campos de trabalho forçado, conhecidos como *Arbeitskommandos*. O campo de Lamsdorf tinha capacidade para albergar 13 mil prisioneiros britânicos, mas também enviou 12 mil homens para campos de trabalho, a fim de construírem estradas e de trabalharem em minas, fábricas e na agricultura.

Esta história começa na região checa da Silésia, que fez parte do Império Austro-Húngaro até 1918. Muitas das pessoas que lá viviam

¹ Forma abreviada de *Stammlager*, designação aplicada, durante o Terceiro Reich, aos campos de prisioneiros de guerra. [N. T.]

eram falantes de alemão e receberam de bom grado a anexação nazi dos seus territórios. No entanto, em março de 1939, Hitler avançou sobre Praga, decretando o resto da Checoslováquia um protetorado do Terceiro Reich, e todo o país ficou subjugado aos nazis. Em 1944, a resistência checa tornava-se cada vez mais forte.

Os nomes de muitos locais mudaram desde 1944. Este romance recorre a uma mistura de nomes modernos e nomes do tempo de guerra. Para mais informações sobre o assunto, ver a Nota da Autora na página 373.

Prólogo

Estava tudo silencioso e tranquilo, à exceção do leve som das nossas botas ao avançarmos pela rua deserta. O pouco que havia de luar desaparecera atrás de uma nuvem, e abrandámos o passo, mal conseguindo discernir o que tínhamos à nossa frente.

Foi então que ouvimos os cães. Primeiro, apenas um latido a atravessar a serenidade da noite. Demos as mãos e ficámos quietos, por um momento. Em seguida, outro latido; depois, outro, não abafados por muros, mas lá fora, na noite, na rua, como nós.

Instintivamente, afastámo-nos do barulho, e os edifícios em redor fitaram-nos com um ar ameaçador, como que a fecharem o cerco. O meu coração batia fortemente, e a respiração acelerava. Caminhámos mais depressa. Os cães — dois, talvez três — ladravam, mais próximos, o som ecoando pelos edifícios. Virámo-nos para tentarmos avistá-los, mas a escuridão era demasiado profunda. Tínhamos perfeita consciência do som das nossas botas na calçada.

Depois, ouvimos gritos atrás de nós: vozes de homens, entusiasmados por terem algo que fazer no aborrecimento da vigilância noturna, atiçando os cães, ansiosos pela caçada. Para onde quer que nos virássemos, os cães e os homens aproximavam-se, e as nossas botas ressoavam mais alto. Tornou-se um mundo de sons: a nossa respiração, o latejar do coração nos ouvidos, o barulho das nossas botas na estrada calcetada, os cães a ladrar, os homens a correr e a gritar, mais próximos, cada vez mais próximos. Talvez pudéssemos ter parado, batido

a uma porta e pedido ajuda, mas não o fizemos. Continuámos simplesmente a avançar, cada vez mais depressa, a correr, o Bill a arrastar-me consigo. Eu estava esbaforida, a tentar acompanhá-lo, com o meu saco de viagem a embater incomodamente contra as minhas pernas.

Chegámos, por fim, a uma abertura na fila de edifícios, uma arcada que dava para uma galeria estreita ladeada de lojas sombrias. Quase no final da passagem, encontrava-se um local ainda mais escuro que parecia ser outra curva, mas era apenas uma ampla porta com dois degraus, recuada e escondida até lá chegarmos.

Os cães estavam quase a alcançar-nos.

O Bill fez-me subir os dois degraus, envolveu-me nos seus braços, apertou-me firmemente e sussurrou-me sobre o cabelo:

— Lamento tanto.

Em seguida, afastou-me dele para não o encontrarem a tocar-me. Fechei os olhos e aguardei pelos dentes dos cães, na esperança de que aquilo acabasse depressa.

Parece que tudo aconteceu ao mesmo tempo: os cães, os homens, um holofote na minha cara. Ergui um braço para cobrir os olhos, ouvindo a respiração ofegante dos homens, o espalhafato das suas vozes. Os meus dentes batiam, e tive de os cerrar firmemente. As vozes por trás da luz tornaram-se um grito incorpóreo em alemão, da parte do oficial superior.

— Mãos ao alto! Contra a parede!

Descemos os degraus, a cambalear. O Bill desviou-se para um dos lados da porta, e eu para o outro. Ergui as mãos e encostei a cara à parede para não cair, a aspereza do tijolo a roçar-me a face. Senti, por trás da parede, pessoas apressadas como ratos, a escutarem em expectativa, e talvez — quem sabe? — com pena. Mordi os lábios, decidida a não chorar, a não deixar que tudo terminasse assim.

PRIMEIRA PARTE



VRAŽNÉ, CHECOSLOVÁQUIA OCUPADA

De junho a outubro de 1944

1



A guerra dilacerou a Europa durante cinco anos — um enorme furacão que destruiu famílias e separou milhões de pessoas dos seus entes queridos, para sempre. Contudo, por vezes — apenas por vezes —, uniu-as. Como eu e o Bill. Uma rapariga do campo checa e um rapaz de Londres, que de outra forma nunca se teriam conhecido, foram atirados para o caminho um do outro — e agarrámo-nos firmemente um ao outro.

Foi graças ao capitão Bajulador que nos juntámos. Sempre o vi como capitão Bajulador porque havia, no seu comportamento, uma grande vontade de agradar que me fazia desprezá-lo. Embora fosse um oficial nazi, não era nada como os bandos de militares das SS que apareciam sem aviso para fazerem buscas na quinta e interrogar-nos sobre o meu pai e o meu irmão mais velho, o Jan.

Soubemos logo que o capitão Bajulador era diferente, pois, no primeiro dia em que apareceu na quinta, chegou até a bater à porta das traseiras antes de a abrir com um empurrão. Ali estava ele, uma silhueta na soleira da porta, atarracado e bem alimentado com produtos «requisitados» à quinta.

A minha mãe estava junto ao lava-louça a cortar batatas. Deixou cair uma na água e virou-se, mantendo a faca na mão direita.

Com um único olhar, o capitão assimilou tudo o que via em seu redor: a faca, a minha mãe de avental, eu com os meus livros espalhados sobre a mesa e o Marek, o meu irmão mais novo, a brincar no chão.

— Falam alemão? — perguntou ele, educadamente, ainda que a maioria das pessoas da região só falasse essa língua.

— Claro que sim — respondeu a minha mãe, no seu impecável sotaque alto-alemão, afastando uma madeixa de cabelo dos olhos com as costas da mão esquerda.

Eu assenti com a cabeça, quase imperceptivelmente.

O capitão mostrou um ar radiante.

— Posso entrar?

A minha mãe fez um movimento com os dedos, como que a dizer «Posso impedir?», e ele avançou. Ela pousou a mão que segurava a faca na beira do lava-louça e fez má cara quando viu a lama que as botas dele deixaram no chão lavado da cozinha. O Marek levantou-se. Só tinha 8 anos, mas assumiu o seu posto de homem da casa com toda a seriedade.

O capitão tirou o chapéu. Tinha o cabelo curto e salpicado de cinzento, o rosto franco de um homem do campo habituado a olhar para o céu. Os seus lábios eram finos e talvez com um aspeto cruel, mas as rugas em torno dos olhos revelavam tratar-se de alguém que gostava de rir. Sem o chapéu, parecia mais velho.

— Tenho observado a vossa quinta... — A minha mãe ficou de semblante carregado, e ele afetou inocência. — Quero oferecer-vos ajuda nas colheitas — *Apenas para as poderes confiscar*, pensei, sabendo que a minha mãe estaria a pensar o mesmo. Eles requisitavam todos os nabos, toda a aveia, todos os presuntos que produzíamos. — Tenho um grupo de trabalho de prisioneiros de guerra na serração de Mankendorf. Estão a melhorar a estrada para os camiões da madeira, mas posso dispensar um ou dois homens para vos ajudar nas alturas mais movimentadas. Recebi ordens para melhorar a silvicultura e a agricultura da região, e esta é uma quinta grande para vocês as duas.

— Três — interveio o meu irmão.

A minha mãe pousou-lhe a mão no ombro, em jeito de aviso.

O capitão assentiu com seriedade.

— Três. — Tinha razão, evidentemente: nem que trabalhássemos do nascer ao pôr do Sol haveria maneira de eu e a minha mãe

conseguirmos fazer o trabalho do meu pai, do Jan e dos dois empregados que perdêramos. — Como te chamas? — perguntou ao meu irmão com simpatia.

— Marek — respondeu ele, após uma breve hesitação, o nome que recebera do avô checo. Fora de casa e na escola, costumava usar o seu outro nome, Heinrich, do nosso avô materno. Eu e a minha mãe olhámos uma para a outra, mas não dissemos nada.

— É uma bela quinta — continuou o capitão. — Eu cresci numa quinta, e sei o trabalho que pode dar.

Eu preferia os nazis verdadeiros, que não se davam ao trabalho de fazer conversa, limitando-se a revistar todas as divisões, revirando o conteúdo dos armários sem pedirem autorização, como se fosse seu direito. Era capaz de odiá-los do fundo do coração. Quando entravam em nossa casa, mantínhamos os olhos no chão, sabendo que os nossos rostos denunciariam a aversão que sentíamos. No entanto, quando fitei o capitão Bajulador pela primeira vez, ele foi o primeiro a desviar o olhar.

— O que é que é mais urgente? — perguntou.

— Primeiro, temos de cortar o feno, antes que haja uma tempestade — respondeu a minha mãe.

Ele anuiu com a cabeça. Era estranho ouvi-la falar alemão em casa, onde há cinco anos que apenas falávamos checo, desde que os nazis invadiram Praga.

— Então, amanhã de manhã — disse ele, voltando a pôr o chapéu e erguendo o braço em continência, como se tentasse proteger os olhos do sol. — *Heil Hitler*.

Balbucíamos algo ininteligível, e ele virou-se e foi-se embora. O Marek voltou a sentar-se. Os passos do capitão foram-se distanciando da casa. Sustentava uma perna com rigidez, revelando-se no ruído irregular das suas botas. Presumi que fosse esse o motivo pelo qual ele não andava a chacinar russos ou à caça de guerrilheiros como o meu pai e o Jan. Talvez tivesse uma perna falsa.

Quando ele ficou fora do alcance do ouvido, a minha mãe expeliu o ar dos pulmões e voltou ao checo.

— Bem — disse ela —, tenho de admitir que precisamos de ajuda. Desde que ele não ande para aí a meter o nariz onde não é chamado.

Às 5h30 da manhã seguinte, eu e a minha mãe ainda estávamos a tomar o pequeno-almoço quando se ouviram fortes pancadas nas portas de carroça que se abrem da estrada para o pátio da nossa quinta. A minha mãe bebeu o que restava do seu café e colocou um leve xaile aos ombros. Pôs-se muito direita, de queixo firme, como se esperasse ter de lhes provar que era agricultora, não apenas a mulher do agricultor. Enfiara o cabelo encaracolado sob o seu lenço preto, o que lhe conferia um ar severo, quase intimidador. Calçámos os tamancos quando o capitão Bajulador bateu à porta das traseiras, perguntando-nos educadamente se estávamos prontas. Parecia tão contente que me apeteceu dar-lhe uma bofetada.

— Lamento, mas tenho de deixar cá um guarda, por causa do seu marido e do seu filho mais velho. — Encolheu os ombros em jeito de desculpa.

A minha mãe não disse nada, mas fechou-lhe a porta na cara. Atravessou a cozinha e dirigiu-se ao pátio para içar a grande viga por trás das portas de carroça. Do lado de fora, encontrava-se um pequeno camião com cerca de vinte homens, de onde desciam cinco prisioneiros e um guarda idoso. A minha mãe segurou uma das enormes portas o suficiente para eles passarem em fila indiana, e escrutinou-os enquanto passavam. Atrás deles, vinha o capitão Bajulador, que, com algum espalhato e desnecessariamente, a ajudou a colocar a viga no sítio.

Os cinco prisioneiros de guerra marcharam para o pátio, e o guarda bradou uma ordem firme para pararem. Eu bocejei, observando-os, encostada à porta da cozinha, com o Marek a espreitar por trás de mim.

Os homens puseram-se em linha, e foi a primeira vez que vi o Bill. Destacava-se dos restantes por ter o cabelo louro, olhos azuis carregados e um rosto de menino, quase demasiado bonito para um homem. Pensei que talvez fosse polaco; não sabia que os ingleses podiam ter aquele tipo de compleição. Todos os prisioneiros, ele incluído,

olhavam, boquiabertos, para a minha mãe, à frente deles, ao lado do capitão Bajulador. Por um momento, vi-a como eles a viam: as suas formas femininas, os seus olhos negros e a sua cabeça erguida. Apesar das desgastadas saias de trabalho, tinha um ar próprio da realeza, como uma rainha disfarçada de camponesa.

— Servem — disse ela, avançando pelo pátio nos seus tamancos para ir buscar ferramentas ao estábulo.

Os prisioneiros olhavam em redor, assimilando tudo: a casa, o estábulo, o armazém e o celeiro, que formavam um quadrado estreito e fechado em torno do pátio. Talvez procurassem uma maneira de fugirem. Os seus olhares fixaram-se em mim quando me aproximei. Ao retribuir-lhes o olhar, os seus olhos baixaram para o chão, ou deslocaram-se para algo neutro: a bomba de água, a velha banheira de estanho, as telhas vermelhas. Sabiam que o guarda os tinha debaixo de olho. O Bill, porém, continuou a observar-me, de um modo claro e avaliador. Ergui o queixo e olhei para trás. Não foi amor à primeira vista, nem luxúria, mas havia algo: uma excitação metálica no ar, um género de desafio emitido e retribuído. Talvez uma espécie de reconhecimento.

O capitão Bajulador fez conversa fiada com a minha mãe, enquanto ela entregava as gadanhas, os ancinhos e as forquilhas, mas o guarda mantinha a espingarda apontada aos jovens que haviam acabado de receber ferramentas que poderiam usar como armas. Aclarou a voz e falou-lhes em inglês:

— Que nenhum de vocês tente nada estúpido! Não se esqueçam de que eu estive nas trincheiras, e tenho muitas contas a ajustar.

Eles assentiram com a cabeça. Eu registei a informação de que o velho guarda falava inglês com mestria.

A minha mãe abriu a porta do celeiro e entrou, mostrando-lhes o caminho para os campos. Eu segui em último. O capitão Bajulador arrastava-se ao lado dela, nas suas passadas de perna perra, tentando terminar a conversa. Eu não consegui evitar sorrir e, mais uma vez, cruzei o olhar com o Bill, distinguindo no dele um misto de diversão e de aprovação em relação à minha mãe. O rosto dele parecia iluminar-se quando sorria.

O capitão Bajulador deve ter percebido, por fim, que estava a passar por idiota, pois parou de repente, bateu os calcanhares e desejou um bom-dia à minha mãe. Ela virou-se e agradeceu-lhe educadamente pela ajuda na quinta, deixando-o aparentemente bastante satisfeito consigo mesmo ao marchar para o carro.

Na extremidade do primeiro campo, a minha mãe demonstrou o uso correto de uma gadanha aos quatro homens que as receberam. Dois deles mal olhavam para ela, mas o Bill demonstrou bastante interesse, imitando-lhe os movimentos. Presumi que fosse um menino da cidade, e que aquilo seria novo para ele. Ela pô-los a praticar até achar que fariam um bom trabalho. Os dois que não haviam prestado atenção já tinham ceifado muitos campos antes, mas o Bill e o seu amigo fizeram vários golpes desajeitados antes de conseguirem cortar alguma coisa. Senti-me envergonhada por eles, mas a minha mãe foi paciente. Pôs-se atrás do Bill, baixando-lhe o cotovelo direito para uma posição correta, até ele cortar os caules com precisão, olhando para mim com um sorriso de prazer e ares de triunfo. Retribuí o sorriso.

Os guardas fizeram bem em acordar os prisioneiros cedo, pois o calor não demorou a desabar de um céu despojado de nuvens. Cortávamos feno, um trabalho cansativo e que causa sede, tentando levá-lo para o celeiro antes que começasse a chover. Havia sempre o perigo de trovoada nesses dias quentes. Um a um, os homens pediram autorização para despir os casacos e as camisas. Fiquei chocada com a magreza deles, as costelas salientes como as de um cavalo negligenciado. Alguns, incluindo o Bill, usavam camisolas interiores esfarrapadas. Ignorando o guarda, que lhe gritava para se despachar e voltar ao trabalho, transformou a camisola num chapéu improvisado e numa cobertura para o pescoço e para os ombros descarnados. *Aposto que se queima com facilidade*, pensei ao olhar para a brancura azulada da sua pele. Ao sol, eu fico bronzeada, mas não me queimo.

Eu e a minha mãe trabalhámos com eles para garantirmos que faziam tudo como ela gostava — sabíamos lá quão estranhamente se faziam aquelas coisas em Inglaterra.

Quatro dos homens, incluindo o Bill, trabalhavam nas filas com gadanhas, cortando o aromático feno, enquanto eu, a minha mãe e o quinto homem vínhamos por trás, curvando-nos para enfeixar o feno, atando os molhos toscamente com uma haste e empilhando-os para secarem ao ar. Trabalhámos lenta e continuamente, sem falar.

De vez em quando, eu e a minha mãe endireitávamos as costas e olhávamos em redor. Ela observava os homens das gadanhas para ver se sabiam o que faziam, se lhes escapava alguma coisa, se precisavam da pedra de amolar para afiar as ferramentas. Eu olhava para o dourado do campo, para o azul-acinzentado do céu, e, pelo canto do olho, para os movimentos simples e rítmicos que o Bill fazia com a gadanha, todos os músculos das suas costas e dos seus ombros a trabalharem em conjunto. Havia algo de rápido e fluido nos seus movimentos, claros e vivos.

Enquanto o Bill trabalhava, ia assobiando melodias, balançando a gadanha ao ritmo da música. Não reconheci nenhuma das canções, mas, por vezes, os outros homens juntavam-se-lhe a cantar o refrão.

Quando se tornou óbvio que o guarda esperava que eles trabalhassem a manhã inteira ao calor sem absolutamente nada para beber, a minha mãe mandou-me ir buscar água, que servi a todos numa caneca de metal. O Bill esboçou-me um largo e alegre sorriso. Reparei que tinha um dos dentes superiores da frente lascado.

— Preferia... cerveja — comentei eu, no meu inglês pouco fluente. Ele abriu ainda mais o sorriso.

— Vou fingir que é — respondeu, de sorriso rasgado, estalando os lábios em sinal de satisfação. Apercebi-me de que ele tentava encontrar algo para dizer, de modo a estender a conversa. — Fazem cerveja aqui? — perguntou.

Assenti com a cabeça.

— Cultivamos... — Hesitei, não sabendo como dizer «cevada» em inglês.

— Cultivam cerveja? — Ele fingiu espanto. — Morri e fui para o céu.

Escapou-se-me uma gargalhada. O guarda avançou a passos largos, batendo com força nas costelas do Bill com o cano da espingarda, de uma maneira que eu sabia que o deixaria ferido.

— Volta ao trabalho, seu porco preguiçoso! — gritou-lhe, em inglês. Aprendi depressa que não devia rir alto, nem chamar a atenção do guarda para os prisioneiros.

O guarda encontrava-se na extremidade do campo, à escassa sombra de uma árvore desgrenhada, a ver-nos todos a trabalhar, mexendo na sua espingarda e no apertado colarinho. Escorria-lhe suor pela cara. Não parava de tentar afastar um perseverante moscardo ou mosquito, e eu desejei que fosse mordido. Era um oficial de segunda linha, um paramilitar, não do exército regular. Talvez estivesse feliz por ter trabalho a guardar prisioneiros de guerra, em vez de estar novamente nas linhas da frente. Tenho a certeza de que ele sabia quão facilmente aquele grupo de jovens o poderia vencer, se assim quisessem. Tudo o que havia entre eles era uma espingarda e a sua arrogância — e o facto de, se eles alguma vez tentassem escapar, estarem no âmago da Europa nazi, com mais de mil quilómetros de distância até aos países neutros da Suíça e da Suécia. Apercebi-me de que o Bill me via a observar o guarda, mas não olhei para ele.

Os prisioneiros tinham autorização para almoçar ao meio-dia, tirando pequenos pedaços de pão das suas malas. A minha mãe olhou para as suas rações e fez-me sinal para ir a casa buscar o pão que ela fizera no dia anterior, bem como manteiga e queijo confecionados por nós. Também levei cerveja para o guarda, a fim de o manter dócil e garantir que continuaria a trazer os homens. Tive o cuidado de o servir primeiro, engolindo o meu desânimo perante a quantidade de queijo que ele tirou. Desejei ter posto algum queijo de lado e levado o dele em separado.

Ofereci o que restava aos prisioneiros, deitados à sombra de um grande carvalho. Alguns dormitavam. Só o Bill estava sentado, encostado ao tronco da árvore, a fitar-me, enquanto eu me dirigia aos outros. Parecia que lhes estava a dar a melhor refeição que alguma vez tinham provado. Deixei a porção do Bill para o fim.

Ele sorriu quando me curvei com a pequena porção de comida, e eu retribuí o sorriso. Quando me piscou o olho, reparei que os seus olhos

eram mais azuis do que me pareceram no pátio. Tinha uma boca larga, como se gostasse de sorrir. Os outros homens estavam apenas interessados na comida que lhes dei, mas ele fitava-me.

— Também fazem aqui o pão e o queijo? — perguntou, lentamente e com clareza.

Esforcei-me por recuperar o meu pobre inglês, desejando ter estudado mais na escola.

— Sim, fazemos.

— Há anos que não comia nada tão bom.

Sorriu até eu baixar o olhar. Não era costume deixarem-me sem palavras, mas pouco me ocorria de vocabulário inglês.

— Eu... espero... goste — disse-lhe, devagar.

— Ah, gosto muito — respondeu ele, com um brilho malicioso no olhar.

Senti um aperto no estômago, sabendo que ele não se referia ao queijo.

— Não tens muitas raparigas com quem me comparar — retorqui, em checo, aborrecida comigo mesma por não ser capaz de o dizer em inglês.

Regressei para junto da minha mãe, sentindo o olhar dele em mim.

Ao final da tarde, havíamos terminado o campo maior, e os feixes estavam a ser colocados na nossa carroça. Cuidar da égua era tarefa minha; segurava-lhe a cabeça e conduzia-a em frente, ainda que o animal estivesse tão habituado ao trabalho que não precisava propriamente de mim. Afaguei-lhe o focinho e levei-lhe erva fresca.

Sabia onde o Bill estava a trabalhar, mesmo sem olhar, devido ao seu hábito de assobiar ou de cantarolar. Ele vibrava com música.

Estava calor, o trabalho fazia-nos suar, e eu regressei duas vezes a casa para ir buscar água fresca para os prisioneiros beberem. Sempre que lhes levava água, deixava o Bill para o fim e tentava trocar algumas palavras com ele, sob o olhar atento do guarda.

— Sou o Bill — apresentou-se ele. — Como te chamas?

— Izabela — respondi.

Ele repetiu o meu nome duas vezes, com seriedade, como se fosse importante pronunciá-lo bem.

— Tem algum significado? — perguntou-me. Porém, eu não o sabia dizer em inglês. Encolhi os ombros e neguei com a cabeça. — Acho que havia uma rainha Isabella, de Espanha — comentou ele.

Eu abanei a cabeça, curiosa.

— Bill... Que significa?

— Não sei. É nome de rei. William, o *Conquistador* — Apontou, com algum lamento, para as suas roupas maltrapilhas. — Uma espécie estranha de conquistador.

Não percebi do que ele estava a falar, ou por que motivo começou a rir, silenciosamente, para que o guarda não o ouvisse. Contudo, a sua alegria era contagiante, e eu também comecei a rir silenciosamente. Tive uma repentina e avassaladora sensação de que, no meio de todo aquele sofrimento e confusão, poderia ser possível sentir alegria, e essa mesma sensação estava inscrita na cara do Bill.

No final do dia, estávamos todos cobertos de pó do feno, que se colava ao cabelo e à pele suada. O guarda vigiava os homens, enquanto estes se revezavam a dar à bomba, no pátio, para que outro se lavasse. Todos se despiam até à cintura e inclinavam a cabeça e o corpo sob a água fria, arquejando e rindo de emoção, empurrando-se e atirando água uns aos outros, como crianças. Eu estava à entrada do celeiro, tentando parecer despreocupada, ocupada com algo longe da vista, como se não estivesse a espreitar, à espera da vez do Bill.

Observei-o de soslaio a despír a camisola interior e a revelar o tronco branco. Assimilei a sua terrível magreza, os músculos tensos nos seus robustos braços, e algo se revolveu dentro de mim, como um peixe acabado de pescar. Ele esfregou o cabelo com os dedos sob a água corrente, recuou e virou a cabeça para cima, rindo-se, como se não fosse um prisioneiro meio esfomeado numa terra distante de casa, mas apenas um rapaz ciente de que uma rapariga o observava às escondidas, apreciando o que via. Voltou a vestir-se. O cabelo era mais escuro quando estava molhado, aclarando aos poucos ao secar.

Descalcei os tamancos e dirigi-me à janela do patamar, com vista sobre as portas de carroça, para que a minha mãe não me visse a observar o camião a levá-los embora. Porém, de alguma forma, o Bill sabia onde eu estava e fez-me uma pequena continência enquanto faziam a curva da estrada.

Quando entrei na cozinha, a minha mãe amassava uma grande porção de massa de pão sobre a mesa. O Marek estava no chão a brincar com os seus carrinhos. Não a via a sorrir assim desde que o meu pai e o Jan se foram embora, mas, quando se apercebeu da minha presença, o rosto dela assumiu um semblante severo.

— Tem mais cuidado — advertiu ela. Corei, perguntando-me se alguma vez seria capaz de lhe esconder alguma coisa. — O guarda consegue ver tudo o que eu vejo — continuou. Eu, porém, tinha dúvidas quanto a isso. — Sei que é difícil, com todos os rapazes fora, mas isto não pode ser assim.

— Quais rapazes? — perguntou o Marek.

Ambas o ignorámos.

Sempre detestei que me dissessem que algo era impossível, decidindo de imediato que tinha de provar que não era. Herdei essa faceta da minha mãe; ela era igual. Se alguém lhe tivesse dito que não podia juntar-se aos guerrilheiros, ela teria tentado, tal como eu.

A sua ideia de educação passava por eu ceder à vontade dela, mas sempre fui um verdadeiro desafio. Quando era pequena, decidi que nunca mais iria comer coelho. Apertava bem os lábios e recusava a refeição que ela cozinhara. Então, ela dava-me sempre o mesmo estufado, a todas as refeições, recusando-se a dar-me outra coisa, dizendo: «Se não comes isso, é porque não tens fome.» Passei dias sem comer nada, até ficar zonza de fome. Ao terceiro dia, quando ela colocou o estufado de coelho à minha frente para o pequeno-almoço, a comida já começara a ganhar uma fina cobertura de bolor. Foi então que o meu pai interveio, como eu sabia que viria a acontecer, dando o estufado ao porco e dizendo à minha mãe: «Ela é igual a ti.» A partir daí, passou a servir-me um prato de nabos cozidos sempre que se comia coelho estufado, inclusivamente depois de eu lhe dizer que já gostava de coelho.

Contudo, ela tinha razão em relação à falta de rapazes. Não havia nenhum com mais de 14 anos num raio de vários quilômetros. O pequeno grupo de falantes de checo fugira para se juntar à resistência, como o Jan e o meu pai, mas a maioria falante de alemão tinha-se voluntariado para se juntar ao exército nazi ou fora trabalhar em fábricas do Reich. Muitas raparigas que eu conhecia da escola também haviam partido, e, das que ficaram, dizia-se que a Matylida e a Dagmar se entregavam de graça aos soldados aquartelados nas redondezas. Pelo menos seguiam em frente com a sua vida, enquanto a minha estava aprisionada como uma mosca dentro de âmbar, uma rotina diária inalterada desde os meus 15 anos: cinco longos anos em que eu deveria ter estado a descobrir tantas coisas novas, mas, ao invés, o meu mundo reduzira-se a esta quinta e a esta casa, com algumas viagens ocasionais ao mercado ou à igreja, uma vida que me esfolava, como uns sapatos que deixaram de me servir.

— Trabalhaste bem — comentou ela, tentando compensar-me.

Eu sorri relutantemente.

— Tu também.

Teria havido algum dia em que ela não tivesse trabalhado arduamente? O que mais havia na sua vida além do trabalho?

Depois de comermos, fui para o meu quarto e peguei no manual de Inglês que usava na escola. Abri-o na primeira página e entreguei-me a ele com absoluta concentração. A minha vida não iria ser igual à da minha mãe. Certificar-me-ia disso.

2



Quando o seu grupo de trabalho foi descarregado na quinta em Vražné, naquela primeira manhã, Bill sentiu um formigueiro na nuca, como se algo de importante estivesse prestes a acontecer. Nos últimos cinco anos, tivera amiúde a sensação de que o seu mundo se expandia e encolhia, alternadamente, como se vivesse na caixa torácica de uma criatura qualquer. Nessa manhã, estava prestes a expandir-se.

Olhou para o seu camarada Harry, mas ele bocejava e coçava-se, alheado do que o dia teria de especial. Haviám acordado cedo, e tinham pela frente mais um dia de trabalho duro. A única coisa que Bill reparava ser diferente era que vinham acompanhados por um velho guarda e um capitão elegantemente vestido. Por norma, eram apenas descarregados no local de trabalho do dia — uma clareira na floresta, ou trabalhos na estrada, ou uma quinta — e deixados sob o olhar vigilante de um habitante da região, fervoroso apoiante dos nazis, com uma arma na mão. Bill perguntava-se o que haveria de tão especial a respeito da quinta que precisasse de dois soldados.

A porta da cozinha abriu-se, e ele sorriu, vendo sair uma formosa quarentona, de tamancos e saias desbotadas, o cabelo envolto num lenço, mas com um ar de elegância imperiosa, como se estivesse num baile. *Ah, é por isso que aqui vieram. Não estão de todo a vigiar-nos,* pensou Bill.

Quase de seguida, apareceu uma rapariga com metade da idade da mulher, que se encostou despreocupadamente à ombreira da porta,

como se estivesse inteiramente alheada do efeito que tinha sobre aqueles jovens homens sedentos de companhia feminina. Se a mãe era atraente, a rapariga era um oásis no deserto. Bill sentiu que Harry se endireitava ao seu lado, e ele próprio pôs os ombros para trás. Os olhos da rapariga percorreram-nos a todos, avaliando-os, julgando-os. Tinha caracóis negros, olhos felinos e um corpo tão flexível e magro quanto o da sua mãe era torneado e feminino. Bill não desviou o olhar do dela, e as paredes em redor do pátio da quinta pareceram recuar.

Ele já sentira anteriormente esta expansão do seu mundo. A primeira vez fora em 1939, tinha ele 18 anos. A sua equipa de futebol amador já havia emborcado demasiadas cervejas depois do jogo e desafiaram-se uns aos outros a alistarem-se no exército. Mal sabia ele que estaria a renunciar a qualquer controlo sobre a sua vida por um período indeterminado; mal percebera que, a partir de então, haveria alguém a dizer-lhe onde devia estar, o que devia vestir, o que devia comer, quando devia ir para cama, quando devia acordar e quem devia matar. No entanto, ao marchar para o campo de treino, dera conta de que a sua vida já não estaria confinada ao *pub* de Stoke Newington, onde crescera, ao familiar trajeto para o trabalho, na estação de Paddington, e a casa, onde praticava saxofone ou tocava piano no bar à noite.

Após o treino militar básico, o seu mundo voltou a expandir-se quando embarcou no navio em Portsmouth, rumo a um destino de guerra desconhecido, entrando numa vida cheia de possibilidades e de perigos, incluindo as novas sensações de enjoo e de saudades de casa. Tinha saudades da mãe, da prima Flora e até do seu patrão, na bilheteira da estação. Sentia falta das teclas do piano, que haviam sido como extensões dos seus próprios dedos, parte do seu corpo, desde que tinha memória. Era tomado pelo aborrecimento do mar alto, sem outro entretenimento além de intermináveis jogos de cartas na longa viagem à volta da África do Sul e pelo canal do Suez. Havia dias em que tocava a sua harmónica em concertos improvisados. Viu a montanha da Mesa quando dobraram a Cidade do Cabo, e acabou por sentir a saibrosa areia de um deserto sob as botas. O seu batalhão armou as

tendas no negrume gélido da noite, e, de manhã, quando Bill puxou a aba da tenda, deparou-se com uma enorme pirâmide.

— Acho que estamos no Egito — disse ele, para trás de si.

— Espero que tenham chá na NAAFI² — comentou Harry.

Porém, Bill não estava interessado em chá; mal podia esperar por subir a pirâmide, chegando ao topo com os braços bem abertos, a observar um mundo tão maior do que poderia imaginar.

Nessa noite, Harry foi com alguns camaradas aos bordéis locais, mas Bill recusou-se a juntar-se a eles.

— Depois não venham ter comigo a chorar se apanharem gonorreia — avisou.

Em vez de os acompanhar, contentou-se com memórias das raparigas da sua terra e vagueou pelos bazares e pelas ruas, absorvendo a estranheza, vibrando de excitação.

O mundo de Bill continuava a expandir-se e a contrair-se, desde as maravilhas reluzentes do Cairo até ao húmido e sufocante espaço confinado de um tanque a deslocar-se pesadamente pela areia, dias a fio. Os artilheiros revezavam-se na artilharia para apanharem ar fresco. Tornavam-se irritadiços uns com os outros, apertados numa caixa de metal sob o sol abrasador — uma caixa de metal que poderia ser o seu caixão.

No 21.º aniversário de Harry, abriram uma lata de carne de conserva. Fazia tanto calor no tanque que a carne parecia líquida. Sofriam de um aborrecimento embrutecedor, assavam o dia inteiro e tremiam pela noite dentro, até que, de repente, já se encontravam no terror e no ensurdecido estridor da batalha, com granadas a explodir por todo o lado, tão expostos como uma fila de patos num campo de tiro, num parque de diversões.

Bill e Harry passaram por tudo aquilo juntos, como um par de cerra-livros: o louro Bill numa ponta da prateleira, e Harry, com o seu

² Navy, Army and Air Force Institutes (Institutos da Marinha, do Exército e da Força Aérea). Empresa criada em 1920 pelo governo britânico para gerir estabelecimentos recreativos necessários às Forças Armadas, além de vender produtos aos soldados e às suas famílias. [N. T.]

cabelo castanho ondulado, na outra. As raparigas não resistiam aos olhos entreabertos e sonolentos de Harry, enquanto homens de um certo género eram atraídos pela beleza de Bill, e, mais de uma vez, Harry teve de os pôr no seu devido lugar. Era mais do que uma simples amizade em tempo de paz. Bill presenciara os mesmos horrores que Harry; Harry sentira o terror de Bill. Confiavam cegamente um no outro, protegiam-se mutuamente e partilhavam a comida. Tinham, obviamente, as suas desavenças, muitas vezes fazendo o outro perder a cabeça, mas ambos sabiam que se carregariam às costas pelo campo de batalha se fosse preciso. Irmãos de armas.

Em 1941, foram capturados durante a batalha de Tobruk. O seu tanque foi atingido, e todos saíram à pressa do interior cheio de fumo, direito aos canos das armas nazis. Nada havia a fazer além de erguerem as mãos sobre a cabeça e dirigirem-se para os seus captores.

— As minhas pernas parecem gelatina — comentou Bill com Harry.

— Pelo menos não vamos ter de voltar para um tanque — respondeu Harry, com um sorriso pesaroso.

Todos se riram quando um dos soldados nazis anunciou:

— A guerra terminou para vocês, *tommies*³.

— Credo — exclamou Bill —, nunca julguei que nos chamassem mesmo isso. Achava que era só nos filmes.

Volvidos três meses num campo prisional na Líbia, agressivamente guardado, onde todos tinham diarreia e tremiam sem cobertores nas noites de temperaturas negativas, onde membros de tribos que os guardavam penduravam um homem pelos punhos o dia inteiro ao sol abrasador, só por diversão, foram levados de barco para a Sicília. O porão estava tão cheio de prisioneiros que muitos não cabiam lá, tendo de ficar no convés, como sardinhas. Porém, Bill e Harry estavam felicíssimos por viajarem no convés, rodeados do azul do mar,

³ De Tommy Hatkins, gíria para os soldados comuns do exército britânico. [N. T.]

vendo golfinhos a brincarem ao lado do barco. Bill sentia que podia respirar pela primeira vez em meses, com o céu a estender-se por cima dele. No entanto, logo após ver o seu mundo a expandir-se, viu-o a contrair-se de novo, confinado num escuro camião de gado que os empurrava e sacudia pelo sul de Itália até às instalações, às torres de vigia e ao arame farpado de um campo de prisioneiros de guerra.

Os guardas de Mussolini eram mais simpáticos do que os líbios, e a comida era melhor, mas não havia nada com que se pudessem ocupar naqueles longos dias, e nada que os protegesse de serem comidos vivos por mosquitos mal o sol se punha. Alguns homens passavam o tempo a fazer apostas sobre a velocidade com que um lagarto subia uma parede; outros tentavam ensinar uma língua ou álgebra a um grupo. Harry ficou obcecado com o exercício físico. Bill fechava os olhos e tocava um piano imaginário, ou, por vezes, compunha realmente música com a harmónica que tinha no bolso quando o tanque fora atingido. Uma vez, ele e Harry tentaram fugir, subindo para o contentor da roupa suja quando este era levado para fora do recinto. A ameaça de um pelotão de fuzilamento, substituído pela solitária, fê-los decidir nunca mais se aventurarem.

— Vamos concentrar-nos apenas em sobreviver a isto — declarou Bill, e Harry concordou.

À medida que iam chegando ao campo notícias sobre os avanços dos Aliados pela bota de Itália acima, vivia-se uma corrente de entusiasmo. Depois, soube-se que Mussolini capitulara. Durante alguns dias, não se falava de mais nada além de liberdade e libertação.

— Achas que eles nos vão deixar voltar para casa, ou irão pôr-nos novamente nas linhas da frente? — perguntou Harry.

Bill tinha quase a certeza de que não seriam enviados para casa.

Certa manhã, os guardas haviam abandonado o campo, e, no momento em que Bill e Harry estavam certos de que tinham sido libertados, chegaram camiões cobertos de suásticas, e novos guardas ocuparam o recinto, desta vez a falar alemão, em vez de italiano. A esperança de liberdade voltou a desaparecer, e os prisioneiros foram

reunidos e levados por comboios de camiões de gado, a avançar dias a fio, noites a fio, pelos Alpes acima, pela Áustria, pela Checoslováquia, até à Polónia, rumo ao enorme campo de Lamsdorf.

Dentro do campo, o regime era semelhante ao de Itália, com chamadas duas vezes por dia, condições desconfortáveis, comida insuficiente e guardas a patrulhar as vedações com espingardas. Porém, Bill não demorou a descobrir que Lamsdorf era, na verdade, um enorme centro de processamento para fornecer mão de obra a fábricas, minas, pedreiras e florestas do Terceiro Reich. Não foram apenas os romanos a precisar de escravos para gerir o império. A Convenção de Genebra decretava que os oficiais capturados não poderiam ser postos a trabalhar, pelo que permaneciam aprisionados durante a guerra, mas os suboficiais e os praças, como Bill e Harry, podiam ser enviados para os *Arbeitskommandos*, em várias regiões da Polónia, da Checoslováquia, da Áustria e até da própria Alemanha.

— Vamos embora daqui. Não aguento mais isto! — exclamou Bill, esquadrinhando as torres de vigia e as vedações de arame farpado.

Ele e Harry concordavam que não queriam apoiar ativamente a máquina de guerra nazi, a fabricar armamento ou a construir tanques, ou a extrair o carvão que fazia prosseguir a operação, mas acharam aceitável ajudar na silvicultura e na agricultura, pelo que se inscreveram para trabalhar na serração de Mankendorf, no coração da região rural checoslovaca dominada pelos nazis. Eram ambos meninos da cidade, e nenhum deles tinha alguma vez cortado uma árvore ou visto uma vaca de perto.

Em comparação com a série de campos prisionais onde Bill estivera durante três longos anos, desde os seus 20 anos, a serração de Mankendorf era como estar em liberdade: raramente estavam sob guarda, havendo apenas alguns velhos soldados e redes de arame que não eram mais assustadoras do que um campo de ténis. Contudo, ninguém tentava fugir, pois não tinham para onde ir. Como Harry recordou a Bill, estavam a mais de 900 quilómetros de distância da Suíça, e, pelo caminho, estariam rodeados de fervorosos e imponderados apoiantes do Terceiro Reich.

Não admira que Bill tivesse ficado intrigado quando o velho guarda e o capitão os acompanharam até à quinta na primeira vez. Não percebia por que motivo precisavam de ser vigiados ali, e em mais lado nenhum. Até que viu a rapariga e a mãe. Olhou para Harry, pensando que, provavelmente, a rapariga cederia aos encantos do amigo, como era costume. Porém, Harry bocejava, e a rapariga mal olhou uma segunda vez para ele.

Ao invés, cruzou um olhar demorado com Bill. Ele sentiu o horizonte a recuar à sua volta e o céu a tornar-se azul.

3



A minha incumbência no dia seguinte era conduzir a égua e apoiá-la a cabeça enquanto a carroça do feno era carregada e descarregada. O Bill e o Harry estavam nos campos com os ancinhos e as forquilhas, empilhando os feixes na parte de trás da carroça para serem levados até ao pátio da quinta, onde os outros prisioneiros obedeciam às instruções da minha mãe para empilharem o feno no celeiro.

O tempo estava cada vez mais húmido, deixando-nos manchados de suor. Até os assobios do Bill pararam, pelo que me apercebi de que ele devia estar exausto. Queria dizer à minha mãe que andávamos a exigir demasiado dos prisioneiros, mas ela tinha os lábios cerrados, e eu sabia que não valeria a pena.

Uma nuvem negra amontoava-se no horizonte. Chegou a hora do almoço, mas ela não nos deixava parar.

— Temos de levar o feno lá para dentro, antes que venha a chuva — declarou ao guarda, em alemão.

Eu ia passando entre os homens, enquanto trabalhavam, dando-lhes água e pão, mas eles paravam apenas por um momento. O Bill estava sem fôlego. Tinha os olhos azul-escuros, como ardósia molhada. Eu achava estranho que a cor estivesse sempre a mudar, mas talvez nunca tivesse prestado muita atenção aos olhos de ninguém.

Continuámos pela tarde dentro, despachando as filas de feno até haver mais no celeiro do que no campo.

Eu e o Bill cruzávamo-nos no campo, sorrindo um para o outro em segredo. Trabalhávamos todos cada vez mais depressa, impelidos pela velha batalha do homem contra o tempo. A nuvem negra cobriu o Sol, obscurecendo o céu como se fosse final de tarde, e o vento agitava as folhas do carvalho.

O Bill e o Harry carregavam o que restava do feno cortado para a carroça quando o primeiro relâmpago iluminou o firmamento. A égua assustou-se, e erguemos a cabeça. Acalmei-a, e contei em voz alta — «*Jedna, dvě, tři*» —, enquanto o trovão abanava as colinas.

— Três milhas! — exclamou o Bill. *Quilómetros*, pensei eu. — Tal como em *Longe da Multidão!* — bradou. Sorri, expressando a minha incompreensão, segurando firmemente as rédeas. — É um livro — explicou ele. — Em que há uma terrível tempestade — acrescentou, atirando a última porção de feno para a carroça — e uma rapariga linda.

Essa parte eu percebi. Prometi a mim própria que iria aprender inglês suficientemente bem para arranjar um exemplar desse livro e ler a história. O Harry olhou para o Bill e para mim.

— Vou andando — disse, correndo em direção ao celeiro.

Estalei os dedos para a égua, que começou a caminhar depressa rumo à casa. O Bill avançou ao meu lado.

— Um dia leio-te o livro — disse ele, quando a primeira gota de chuva caiu no meu nariz.

Antes que eu o pudesse impedir, ele saltou para a carroça e puxou uma lona sobre o feno que tanto trabalho lhe dera a cortar. Seguiu-se outro relâmpago, iluminando-o contra o céu. Eu esforçava-me por segurar a cabeça da égua, sem tempo para contar, antes de um trovão ensurdecedor agitar toda a aldeia. Olhei rapidamente em redor para verificar se o relâmpago atingira alguma árvore, mas não havia chamas à vista.

O Bill saltou para o meu lado. De repente, a chuva começou a bater fortemente, como se estivéssemos sob a mangueira de um bombeiro, encharcando-nos, a água a deslizar sobre a nossa cara e pelo decote do meu vestido. Meio a caminhar, meio a correr ao lado da égua, estendi a mão para ele, que a segurou firmemente, arrastando-se ao meu lado,

olhando para mim através da chuva. Nesse olhar, havia uma pergunta, um reconhecimento, uma fome. Puxei-o e beijámo-nos, tropeçando, com o passo trocado, os dentes a ferirem-nos os lábios. Eu queria largar a égua e beijá-lo devidamente, mas ele afastou-se.

— Tens de ir. É demasiado perigoso — advertiu-me.

Ficou para trás, correndo em redor da carroça, rumo ao celeiro principal. A minha mãe saiu apressadamente, chuva adentro, para se certificar de que o feno na carroça estava protegido.

— Foi o Bill — disse-lhe eu.

Desatámos a égua do varal, e eu levei-a ao estábulo, contíguo ao celeiro. Consegui distinguir, pelo canto do olho, o Bill curvado, com as mãos nos joelhos, esbaforido pelos esforços do dia e pela corrida, rindo e dizendo algo ao Harry. Esperava que ele não lhe estivesse a contar que me beijara.

A chuva batia fortemente no telhado do celeiro. O guarda apanhou-me a olhar para o Bill, e eu virei-me para a minha mãe.

— Conseguimos! — exclamei.

Ela tirou-me as rédeas das mãos.

— Estás encharcada! Vai para casa secar-te, e depois leva comida a todos.

Obriguei-me a não olhar para o Bill e corri do celeiro para casa, salpicando as pernas com a água das poças lamacentas que se formavam entre as pedras. Subi as escadas e despi à pressa a roupa molhada, deixando-a caída no chão do meu quarto. Consegui ver ao espelho que estava com um ar corado e bonito, apesar do meu desgrenhado cabelo molhado. As minhas pupilas estavam tão grandes que os meus olhos já não pareciam verdes, mas negros como os da minha mãe. Não conseguia tirar o sorriso da cara enquanto enxugava o cabelo. Vesti rapidamente uma muda de roupa seca, enchi um cesto de comida e coloquei sobre a cabeça o impermeável da minha mãe e o cesto, para voltar ao celeiro.

O capitão Bajulador chegou quando eu estava a entregar a comida, e a minha mãe cumprimentou-o como se ele fosse um velho amigo, estendendo a mão para apertar a dele.

— Conseguimos! Muito obrigada.

Ele bateu os calcanhares e fez continência com os dedos no chapéu, em vez de uma continência nazi de braço estendido.

— Fico muito satisfeito. — Parecia o Marek quando lambia a massa de bolo da tigela. — Está tudo protegido? — perguntou.

Ela estava corada de ansiedade.

— Sim, a carroça tem uma lona, e o celeiro está cheio. Não o teria conseguido sem o grupo de trabalho. Quer ir ver o celeiro?

Ele pareceu ainda mais satisfeito. Pôs o casaco sobre os ombros, e a minha mãe levou o impermeável que eu pendurara num prego para secar. Atravessaram apressadamente o pátio lamacento. Ela podia ter corrido mais depressa, mas deduzi que se demorasse por respeito à perna aleijada do capitão.

Não gostava de a ver a ser simpática com ele, e desejava que o meu pai estivesse escondido algures para o alvejar. Do sítio onde eu me encontrava, conseguiria acertar-lhe entre os ombros. Dei meia-volta e apercebi-me de que o guarda estava novamente a observar-me. Recordei-me de que precisava de ter bastante mais cuidado. Levei-lhe uma fatia de bolo, tentando exibir uma expressão de afabilidade.

— Eles fizeram um bom trabalho — comentei, em alemão.

O guarda pareceu contente por eu ter falado com ele. Era velho, com a pele acinzentada, a condizer com o cabelo cinzento, e tinha uns lábios tão finos sob o bigode igualmente cinzento que não acrescentavam cor ao seu rosto. Quando falou, vi que tinha os dentes manchados de amarelo.

— Sim, são bons trabalhadores quando querem. Embora não tão bons quanto os alemães.

— Não, claro que não — concordei, escapulindo-me para levar pão aos prisioneiros, no celeiro.

Pareciam muito mais cansados do que o meu pai e o meu irmão estariam, e muito mais cansados do que eu. A adrenalina invadia o meu corpo, deixando-me pronta para mais um dia de trabalho. Por um momento, desdenhei da fraqueza daqueles homens, para logo de seguida perceber quão difícil deveria ser trabalhar após meses, ou

até anos, de relativa inatividade e escassa comida. Fez-me sentir uma menina imbecil.

Deixei o Bill para o fim. Fiz-lhe sinal com os olhos, sentindo o olhar vigilante do guarda sobre as minhas costas. O Bill percebeu de imediato, e esbocei-lhe um grande bocejo fingido ao aproximar-me. Ele não me fitou, nem falou, mas as nossas mãos roçaram quando pegou na comida, como se um relâmpago tivesse lampejado entre nós na escuridão do celeiro.

Virei-me o mais despreocupadamente possível e vagueei até à entrada, bamboleando ligeiramente as ancas, sentindo o olhar do Bill sobre mim. Deparei-me com a chuva a amainar, e a minha mãe e o capitão Bajulador a regressar, imersos numa conversa sobre as reparações de que os nossos anexos necessitavam.

Sim, pensei. Sim, sim, sim, arranja-lhe trabalho para que eles continuem a cá vir.

O capitão Bajulador manteve a palavra, dizendo-nos quando voltariam os prisioneiros e quais seriam os trabalhos a levar a cabo. Ouvíamos-lo a bater à porta da cozinha, e ele perguntava educadamente o que era necessário ser feito. A minha mãe convidava-o a entrar e oferecia-lhe chá de hortelã ou café. Por vezes, deixava o cabelo descoberto, pendendo sobre os ombros, tão encaracolado como o meu, ainda que atravessado por madeixas prateadas desde que o meu pai e o Jan partiram. Conversava com o capitão Bajulador sobre a quinta, o clima, a aldeia de onde ele vinha, e ele mostrou-lhe fotografias dos seus filhos. Eu odiava vê-los a conversar com tanta ligeireza, e assegurei-me de que nunca os deixava sozinhos, na eventualidade de ele tentar alguma coisa com ela. Nunca confiei nele, mas precisava dele para continuar a trazer o grupo de trabalho.

Havia dias em que ele explicava que os prisioneiros não podiam ser dispensados de um trabalho qualquer noutra quinta, ou na estrada que estavam a melhorar, e, ao início, eu ficava furiosa, mergulhando num abismo de tristeza. Nesses dias, eu era dura com a minha mãe

e recusava-me a brincar com o Marek. Focava-me no meu manual de Inglês com uma determinação impetuosa, aprendendo dez ou vinte palavras por dia, repetindo os complicados verbos irregulares vezes sem conta, enquanto caminhava ou costurava ou lavava a louça.

— *I am, you are, he is; I am, you are, he is...*

4



Depois da trovoada, passaram-se duas longas e lentas semanas até eu e o Bill termos a oportunidade de um momento só para nós, embora trocássemos amiúde sorrisos e olhares através do batatal. Eu escutava as suas melodias assobiadas para saber exatamente onde é que ele se encontrava a trabalhar. Ele só parava de assobiar ao fim da tarde, quando se sentia cansado, deixando-me preocupada, a observá-lo para ver se estava tudo bem.

Estávamos sempre sob o olhar atento do guarda, dos outros prisioneiros e da minha mãe, a mais vigilante de todos. Quando eu entregava água ou pão ao Bill, as nossas mãos tocavam-se, e a mesma faísca voava entre nós. O desejo de estar a sós com ele, de o beijar devidamente, tornou-se um aperto no estômago.

Esforçava-me por cair nas boas graças do guarda, levando-lhe petiscos da nossa despensa. Descobrira que ele era guloso, pelo que também lhe levava bolo sempre que podia.

— Importa-se que eu converse consigo de vez em quando? — resolvi perguntar-lhe certa vez.

— Porquê? Para levar segredos aos traidores do seu irmão e do seu pai?

Mostrei-lhe um ar chocado e magoado.

— Não, de todo. Muito pelo contrário. — Ele fitou-me, com o bigode coberto de compota de morango. Eu continuei, hesitante: — Acho que posso ser mais útil ao Reich como intérprete do que como camponesa.

Falo alemão, e checo, claro, e também gostava de falar inglês fluentemente, mas apenas tenho os meus manuais escolares e nenhuma oportunidade de praticar. Ouvi-o a falar num inglês perfeito.

Ele lambeu os lábios, embora ainda permanecesse alguma compota no bigode. Observou-me atentamente, e eu tentei parecer o mais esperançosa e sincera possível.

— Antigamente, eu era professor — disse ele.

Rezei para que o meu pai me perdoasse a deslealdade.

— Se o meu pai e o meu irmão não tivessem partido com os... traidores, eu poderia até ter ido para a universidade, em vez de ficar aqui enfiada nesta quinta com a minha mãe, a schar nabos o resto da vida.

Recorri à minha expressão mais carrancuda e esperei que ele se deixasse levar. Era em parte verdade. Antes, eu tinha esperança de ir para a universidade, e o meu pai andava a preparar-me para os exames de admissão quando partiu. Dava-me aulas em casa, desde que a escola me pedira para sair, aos 15 anos, por me recusar a obedecer ao diretor.

Eu repetira uma piada parva sobre as sobranceiras grossas do presidente Hácha tentarem acasalar com o bigode de Hitler. Nem sequer tinha muita graça, mas eu agitava as minhas sobranceiras e o lábio superior, e os meus amigos quase choravam de tanto rir. Depois, começaram a fazer-me sinal, ainda sem conseguirem parar de rir. Julguei que quisessem mais, mas, na verdade, tentavam avisar-me de que o diretor da escola estava atrás de mim.

Ele arrastou-me para o seu gabinete, com um enorme retrato de Hitler atrás da secretária, e mandou-me pedir-lhe desculpa. Cerrei bem os lábios, e, embora as palavras me zumbissem na boca como vespas, não as deixei sair. Não eram certamente as palavras que o diretor queria ouvir. Ele não estava habituado à desobediência e ordenou-me que fosse para casa e não voltasse à escola até estar pronta para pedir desculpa. A minha mãe ficou furiosa, dizendo que eu tinha de voltar imediatamente. O meu pai, por seu turno, retorquiu:

— A miúda pelo menos tem princípios.

— Os princípios não ordenham a vaca — replicou a minha mãe.
— Nem a levam para a universidade.

— Podes ensinar-lhe literatura alemã — sugeriu o meu pai. — E eu posso ensinar-lhe tudo o resto.

Nessa noite, depois de eu ir para a cama, eles tiveram uma terrível discussão, mas o meu pai ganhou, e eu nunca voltei à escola. Até ele partir, há um ano, os meus pais foram os meus professores. Eu tinha saudades dos meus amigos, e até das aulas, mas não ia pedir desculpa. Foi o meu ato de resistência — a única maneira de eu partir para a batalha.

Depois, o meu pai foi-se embora, levando o Jan consigo, mas recusando-se a dar-me a oportunidade de ir com eles para lutar contra o Terceiro Reich. Fiquei furiosa com o meu pai e com tremendos ciúmes do Jan. Sentia a falta deles, temia por eles, e ressentia-me por me deixarem presa na quinta. Cinco anos de nada além de trabalho e mais trabalho, sob o constante escrutínio da minha mãe. Assim, não me foi difícil mostrar um ar carrancudo ao guarda.

Ele passou a espingarda de uma mão para a outra e relaxou, obviamente a tomar uma decisão.

— Eu ajudo-a com o seu inglês. Eu era um ótimo professor, e espero que a menina seja uma ótima aluna. Vou dar-lhe imensos trabalhos de casa.

— Irei ser. Prometo. — Tentei conter um largo sorriso. — Trago-lhe amanhã os meus manuais no intervalo da refeição, pode ser?

Ele concordou, olhando para o relógio.

— Sim. Traga-me os seus livros, e veremos o que podemos fazer. Mas agora aqueles cães preguiçosos têm de voltar ao trabalho. Olhe para eles, com o maior à-vontade, como se estivessem de férias.

Observei os cinco magricelas deitados debaixo das árvores, a tentarem recobrar forças para o trabalho da tarde, e a fúria cresceu dentro de mim. Contudo, mantendo a cabeça virada para outro lado, cerrei os punhos e contei até dez.

— Cães preguiçosos — concordei. — Assim ninguém sacha os nabos!

— *Raus, raus!* — gritou-lhes o guarda, e os prisioneiros levantaram-se com esforço, pegando nas suas enxadas.

— Muito obrigada — disse eu. — Vou ser a sua melhor aluna de sempre. Como o devo tratar?

Ele hesitou por um instante, acabando por responder:

— O meu nome é Weber. Deve tratar-me por Herr Weber.

Uma abelha zumbia à volta dele, e perguntei-me se lhe deveria referir a compota no bigode, mas concluí que, se a abelha o picasse, talvez na ponta do seu nariz acinzentado, seria apenas castigo.

— Obrigada, Herr Weber. Até amanhã.

No dia seguinte, sentei-me com o Herr Weber, durante o intervalo da refeição, e ele pôs-me a fazer uns aborrecidos exercícios de gramática. Os prisioneiros olhavam-me com surpresa, mas eu tinha a sensação de que, de alguma maneira, o Bill saberia que isto era uma forma de me aproximar dele. Fui mais cuidadosa do que nunca com os trabalhos de casa, e, volvidas apenas três lições, o Herr Weber disse-me que eu era boa aluna e que seria muito útil para o Reich.

— A menina aprende depressa — elogiou ele. — Um dia poderá vir a ser intérprete.

Hesitei, como se, subitamente, me tivesse passado pela cabeça uma nova preocupação.

— Teria de melhorar o meu inglês oral e a gramática?

Ele fitou-me com uma centelha de desconfiança, mas o meu sorriso inocente tranquilizou-o.

— Claro.

— Mas como é que eu poderei fazer isso? — perguntei, num tom confuso.

Ele riu-se.

— É fácil!

— Ah, sim?

— Claro. Temos vários professores no destacamento de trabalho. São tantos prisioneiros! Sabia que capturámos milhões de

prisioneiros de guerra? Eles limitaram-se a erguer as mãos e a deixar-se ser capturados.

— Isso é maravilhoso — respondi, acrescentando muito baixinho:
— *Heil Hitler!*

O Herr Weber continuou:

— Em vez de mandriarem à hora da refeição, podem ensinar-lhe inglês.

Bati palmas, encantada.

— Que ideia maravilhosa! Nunca me ocorreria isso. Como poderemos combinar?

No dia seguinte, à hora da refeição, o Herr Weber conduziu-me ao lugar onde os homens descansavam debaixo das árvores. Pontapeou um dos outros homens com a biqueira para o acordar, mas eu sentei-me determinadamente ao lado do Bill. O Herr Weber apenas encolheu os ombros e deixou-me ali.

— Tenho aula Inglês — anunciei.

— Tu fazes milagres — sussurrou o Bill.

Abri o meu manual e apontei para o terceiro capítulo: «Conhecer e Cumprimentar».

O Bill pôs-se de pé num salto.

— Como estás? — perguntou ele, estendendo-me a mão.

Levantei-me e estendi-lhe a minha, que ele apertou levemente, mas com firmeza.

— Como estás? — respondi.

Os homens deitados à nossa volta viraram-se para assistir ao espetáculo, mas eu não me importei.

— Costumas cá vir muitas vezes? — perguntou-me o Bill, pronunciando cada palavra lentamente e bem alto.

— Eu vivo.

— Eu vivo aqui — corrigiu-me.

Fiquei contente. O Bill ia mesmo ensinar-me.

— Eu vivo aqui, em quinta — disse eu.

— Eu vivo aqui, *nesta* quinta.

Voltámos a sentar-nos e avançámos no capítulo, e eu passei o tempo todo a escrevinhar notas.

Desde então, passei a poder juntar-me todos os dias ao Bill abertamente. Sentávamo-nos bem à vista, embora houvesse sempre maneira de as nossas mãos se roçarem. O meu inglês melhorou depressa, mas o desejo de estar a sós com ele tornou-se desesperante. Quando se está esfomeado, um pouco de comida só nos deixa com mais fome.

Por vezes, a nossa conversa era orientada por um capítulo do livro, mas era mais habitual conversarmos sobre outros assuntos.

— Hoje gostava de te levar a passear — disse ele, certo dia.

— Para onde irmos? — perguntei.

— Para onde *vamos*? — corrigiu-me, e eu tomei nota. — Primeiro, venho cá buscar-te. Acho que é melhor do que nos encontrarmos a uma hora combinada, ou algo assim. Eu trago-te umas violetas para usares na lapela.

Eu não sabia o que queria dizer «lapela». No seu sotaque londrino, parecia «lôpel».

— Lô-pel? — tentei repetir.

Ele riu-se.

— Tenho mesmo de falar como deve ser! La-pe-la — disse ele, pronunciando devidamente cada sílaba. Apontou para a sua túnica. — Lapela. — Eu assenti com a cabeça e tomei nota. — Depois, apanhávamos um autocarro para oeste e íamos lanchar na Lyons Corner House, e a empregada trazia-nos pratos com sandes e scones.

— Scones?

— Uma espécie de bolo, parecido com pão, com manteiga, compota e natas.

— Parecia muito bom.

— *Parece* muito bom — corrigiu ele, gentilmente, e eu escrevinhei a correção enquanto ele prosseguia. — Depois, íamos ao cinema. Dar uma volta na Leicester Square, olhar para as pessoas. Gostavas?

— Sim, gosto de cinema. — Não lhe contei quão raro era para mim o prazer de ir ver um filme. Tínhamos um cinema em Neutitschein,

mas não era fácil sair da quinta. Por vezes, nós, as raparigas locais, íamos juntas de bicicleta.

— Que género de filme gostarias de ver? — perguntou-me ele.

— Filme de amor — sugeri, com um tímido olhar de soslaio. Ele riu-se. — Com música — acrescentei, determinada.

— Está bem. Vamos ver um musical romântico. *Chapéu Alto*. Tem música e dança. — Começou a cantar suavemente. — *Heaven, I'm in heaven, and my heart beats so that I can barely speak...* — Foi a primeira vez que o ouvi cantar. A sua voz era um agradável tenor. Desejei conhecer a canção e ser capaz de o acompanhar. — *When we're out together dancing, cheek to cheek.* — Suspirei, um suspiro profundo de ânsia por um mundo onde isso pudesse ser verdade. — Então e se, depois do filme, eu te levasse a dançar? Gostas de dançar?

— Adoro dançar. Mas não tenho muitas... — Não sabia a palavra, pelo que acenei a mão em meu redor, para a quinta.

— Muitas oportunidades. Pois, dá para perceber isso. Um pouco escasso em salões de baile!

O guarda interrompeu-nos, chamando os homens para trabalhar:

— *Raus, raus!*

O Bill percorreu o cabelo com a mão. Depois levantou-se e curvou-se para me ajudar a erguer-me.

— Bem, foi bastante agradável, Izzy. Agora acompanho-te a casa, e — baixou a voz para que os outros não ouvissem — talvez nos beijemos à tua porta.

— Gosto disso.

— Eu também.

Largou a minha mão, e eu baixei-me para recolher os meus livros.

Mais tarde nessa semana, a minha mãe decidiu que chegara a altura de colher as cerejas. Não sei como é que ela acertava exatamente no dia em que estavam no ponto. Dizia que um dia eu também viria a saber, mas eu não tinha qualquer intenção de permanecer assim tanto tempo na quinta.

Usámos varas compridas para, cuidadosamente, levantar as redes das cerejeiras; depois, foi uma corrida — nós contra os pássaros. A minha mãe pôs dois homens em cada árvore e movia-se entre eles, vigilante, para garantir que a fruta não ficaria tocada. O Bill e o Harry colhiam as cerejas — «na brincadeira», como diria o Bill —, pendendo-as aos pares nas orelhas, rindo e cantando uma canção chamada *Cherry Ripe* com voz de falsete.

Quando os cestos ficaram cheios, a minha mãe veio inspecionar cada árvore para assegurar que não lhes havia escapado nenhuma cereja. As vespas ocuparam-se logo com a fruta.

— Agora levem os cestos e as redes para a casa — disse ela, afastando uma madeixa de cabelo dos olhos. Depois deteve-se, olhando para o Bill. — Ah, és tu... — Hesitou e olhou em redor, mas os outros prisioneiros estavam bem no topo das cerejeiras, e ela não se atreveu a deixá-los sem vigilância. — Bem, presumo que não haja problema — Franziu-me o sobrolho. — Nada de perder tempo, e nada de brincadeiras, senão ficas 15 dias fechada em casa. Estás a perceber?

— Prometo, mãe — respondi, com a minha voz de santa. — Não nos demoramos.

Ela olhou para o relógio com bastante determinação.

— Espero que não.

Peguei num cesto, cheio até cima, e o Bill no outro.

— Céus, és tão forte quanto eu! — exclamou ele.

Afastei-me tão depressa quanto o cesto me permitia, e o Bill apressou-se para me acompanhar. Quando olhei para trás, a minha mãe estava a ajudar o Harry a colocar as redes sobre os ombros, evitando que tocassem no chão.

— Estou a ver que tens muito mais que se lhe diga além de uma cara bonita — comentou o Bill.

Ele achava que eu tinha uma cara bonita!

— Ser gentis devemos — respondi eu, à procura das palavras.

Ele tentou adivinhar o que eu queria dizer:

— Devemos ser cautelosos? É isso? Não os deixar ver demasiado?

— Sim, sim. Cautelosos. A minha mãe vê.



«Nós temos de sobreviver.

Para que o mundo saiba aquilo por que passámos.

Para garantir que isto nunca mais

volte a acontecer na História.»

1944, Checoslováquia. Na calada da noite, Izzy e Bill, uma camponesa checa e um prisioneiro de guerra britânico, casam-se em segredo e fogem através de aldeias devastadas pela guerra, com o sonho de construírem um futuro juntos, longe do jugo nazi. Para conseguirem escapar, Izzy veste-se de homem, corta o cabelo rente e faz-se passar por muda. Porém, a sua sorte não dura muito tempo, e eles acabam por ser capturados pelo exército alemão.

Apesar disso, o disfarce de Izzy funciona. Ambos são considerados soldados fugitivos e transportados para um campo nazi de prisioneiros de guerra, onde irão enfrentar condições extremas. O campo está sobrelotado, não existe comida suficiente e o trabalho é demasiado duro. Mas, no meio das circunstâncias mais desumanas, surge a esperança, pois o jovem casal trava amizade com um pequeno grupo de prisioneiros. Esses homens tornam-se a sua nova família, e estão dispostos a arriscar as suas vidas para proteger Izzy.

O perigo que correm é avassalador, pois, se o segredo de Izzy for revelado, ela e Bill — e os homens que decidem ajudá-los — enfrentarão a morte.

«Uma das histórias de guerra mais audaciosas de sempre.»

Daily Express

TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-564-288-5 9 789895 642885 Romance Histórico
--	--